



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**Formação de professores e telenovela: Uma proposta
de uso pedagógico dos conteúdos de educação sexual
numa perspectiva emancipatória.**

ANDRADE, Elizane de; MELO, Sonia Maria Martins de.

Formação de professores e telenovela: Uma proposta de uso pedagógico dos conteúdos de educação sexual numa perspectiva emancipatória

*Elizane de ANDRADE*¹

- e-mail: lizaudesc@hotmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

*Sonia Maria Martins de MELO*²

- e-mail: soniademelo@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

¹ Doutoranda em Educação, linha Educação, Comunicação e Tecnologia do PPGE/FAED/UDESC, bolsista FAPESC, membro do Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC.

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/FAED/UDESC, líder do Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC.

RESUMO:

Este relato de experiência objetiva promover a reflexão sobre o uso pedagógico da telenovela na formação inicial de professores discutindo produções televisivas como produções humanas e, portanto também instrumentos pedagógicos de educação sexual. Nosso lócus é a telenovela – Gabriela 2012 - exibida na Rede Globo de televisão, esta adaptação baseada no romance de Jorge Amado - Gabriela, Cravo e Canela - crônica de uma cidade do interior, publicada em 1958. Está já em 1975 teve uma primeira adaptação para televisão trazendo no enredo às mudanças dos costumes sociais, morais, os questionamentos quanto aos relacionamentos conjugais, problematizações quanto à emancipação do feminino dentro de um universo machista, patriarcal e violento. Como metodologia proposta dessa experiência foram desenvolvidas oficinas com uma turma de graduação em pedagogia, na disciplina – educação, gênero e sexualidade - onde foram utilizadas como estímulo ao debate cenas de capítulos da telenovela que retratavam a padronização de papéis sexuais estereotipados do ser homem e ser mulher. Após assistência das cenas selecionadas, estabelecíamos um círculo de debates dialógicos a partir de questões norteadoras onde pensávamos juntas: quais conteúdos pedagógicos de educação sexual podem ser desvelados a partir da análise da telenovela? Que educação sexual pode se identificar na produção televisiva? Que informações vinculam? Que pedagogia de educação sexual apresenta a quem os assiste? Nesta perspectiva a partir da análise dos conteúdos pedagógicos observamos para onde apontam os conteúdos de educação sexual desvelados na questão dos direitos sexuais como direitos humanos, levantando assim indicadores nas categorias emanadas da análise, para que estas possam subsidiar a construção de propostas de educação sexual intencional. A investigação, será pautada no materialismo histórico-dialético, que caracteriza-se por metodologicamente entender a sexualidade como decorrência da construção social da *práxis* humana, assim como na inferência de que as produções televisivas são produzidas por humanos que se educam uns aos outros, nas relações sociais, sempre sexuadas que estabelecem no mundo. Os dados coletados transcritos e tratados via análise de conteúdo, com as categorias desveladas e trabalhadas a nível teórico. Trabalho em andamento no Brasil com oficinas já realizadas, apresentando indicadores de forte contradições na compreensão das pesquisadas, quanto aceitação normatizada dos papéis sexuais.

Palavras-chave: Educação sexual emancipatória; formação de professores; telenovela Gabriela 2012;

Formação de professores e telenovela: Uma proposta de uso pedagógico dos conteúdos de educação sexual numa perspectiva emancipatória

Este relato de experiência objetiva promover a reflexão sobre o uso pedagógico da telenovela na formação inicial de professores discutindo produções televisivas como produções humanas e, portanto também instrumentos pedagógicos de educação sexual.

Este trabalho de investigação é a continuação da caminhada acadêmica de investigação, pois as discussões nos encontros do grupo de pesquisa estão voltadas cada vez mais para as questões metodológicas e a transposição didática do conhecimento produzido pelo grupo para adequar os temas, socializando-os para processo de formação de professores via produção de novos materiais de educação sexual.

Nosso lócus é a telenovela – Gabriela 2012 - exibida na Rede Globo de televisão, uma adaptação baseada no romance de Jorge Amado - Gabriela, Cravo e Canela - crônica de uma cidade do interior de 1958, trazendo no enredo às mudanças dos costumes sociais, morais, os questionamentos quanto aos relacionamentos conjugais, problematizações quanto à emancipação do feminino dentro de um universo machista, patriarcal e violento.

Pois em nossas reflexões sobre as questões abordadas na trama da telenovela ‘Gabriela’, sempre tinham as referências à força do bordão usado pelo ator José Wilker representando o personagem do Coronel Jesuino quando referia-se a sua esposa: “hoje eu quero lhe usar”, ou as análises sobre a personagem interpretada por Laura Cardoso – Dona Dorotéia, que concluía: “Jesus, Maria, José esse mundo está perdido”. Percebemos que os bordões não só viraram febre na internet como memes³ circulando pelas redes sociais, mas que eles também provocaram em inúmeros lugares onde havia reunião de pessoas certo desconforto, vários questionamentos e muitos diálogos entre o público, mesmo aquele segmento que não leu a obra literária, e nem mesmo assistiu a primeira adaptação de 1975, mas que em 2012 em pleno século XXI, se emocionou com a condição expressa das mulheres representadas na trama da telenovela, sofrendo com as submissões degradantes a que eram expostas, revoltando-se com a falsa moralidade e vibrando com as personagens transgressoras.

Dessa relação que as assistência/audiências estabelecem com quem assiste, emergiram para mim várias reflexões tais como: que educação sexual compreendemos está subjacente na construção desses personagens? Que educação sexual pressupõe-se que tiveram esses homens e essas mulheres? Como ali se expressam papéis estereotipados de gênero construídos socialmente e não questionados criticamente? Papéis sociais diferentes apenas pela existência de órgãos sexuais diferentes?

³ **Meme** é um termo grego que significa **imitação**. **Na internet**, o significado de meme refere-se a um **fenômeno em que uma pessoa, um vídeo, uma imagem, uma frase, uma ideia, uma música, uma hashtag, um blog etc., alcança muita popularidade entre os usuários.**

Lançamos mão deste “dispositivo pedagógico de mídia⁴” na continuação de minha caminhada de pesquisa. Fischer (2002) entende dispositivos pedagógicos da mídia, aqui telenovelas como um deles, a partir da noção de que as mídias operam “[...] no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.” (*ibid.*, p. 153).

Foi nesse âmbito da formação inicial de professores que, inserido no plano de ensino da disciplina, como parte da metodologia é que foi proposto um trabalho intencional, sistematizado para sensibilizar os discentes quanto às possibilidades de pensar criticamente uma educação sexual emancipatória com auxílio pedagógico de trechos da telenovela. Isto porque trabalhamos embasadas com a leitura de um processo de “deseducação sexual” que vivemos hoje no cotidiano e, portanto, também nas escolas, mas compreendemos também que já estão postas na materialidade as condições de começar, desde a educação infantil, o exercício didático de práticas e vivências intencionais de educação sexual, dentro de uma abordagem que parte da compreensão de sermos sempre sexuados, parte dinâmica do processo, construídos e construtores, procurando então, a partir desse eixo paradigmático, sensibilizar os profissionais de educação para desestabilizar certas “verdades cristalizadas”, na busca da emancipação.

Sendo o curso de Pedagogia um espaço regular de formação de professores, a realização desse exercício também é possível e fundamental de ser vivenciado como parte de um processo de educação sexual intencional, podendo ser esse espaço estimulado tanto esse processo na formação regular como na continuada dos profissionais da educação.

Nesta perspectiva, realizamos em uma turma a experiência já prevista no plano da disciplina que seria a realização de cinco oficinas estimuladas por material pedagógico construído a partir de trechos da telenovela ‘Gabriela’. Para a produção desses trechos, após assistir muitas vezes o material disponível gratuitamente na internet, definimos momentos da telenovela Gabriela que eram marcantes no tocante à categorias bases da educação sexual. Com os trechos selecionados da telenovela foi utilizado um editor de vídeo (o programa “Movie Maker”) e construído cinco dispositivos pedagógicos que subsidiaram as cinco oficinas. Tais oficinas⁵ tiveram,

⁴ Termo utilizado no artigo de Fischer, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia:** modos de educar na (e pela) TV. *Educ. Pesquisa*, Jun 2002, vol.28, no. 1, p.151-162.

⁵ As oficinas pedagógicas compreendiam: uma assistência do vídeo dos momentos da trama de uma personagem escolhida *a priori*, seguida do debate dialógico audiogravado com autorização prévia.

portanto, como pano de fundo, recortes de episódios selecionados a partir da trama dos quais emergiam conteúdos de educação sexual, mais especificamente referentes à construção social dos papéis de gênero.

Compreendendo que, na formação de professores, é importante trabalhar com as suas marcas pessoais e profissionais, levando-os a refletir sobre como cada ser se constituiu enquanto sujeito histórico e que tanto sua história de vida como a de sua formação profissional, são indissociáveis da sua constituição como ser humano pleno, planejamos também, após a execução e avaliação das oficinas, solicitar também das alunas uma produção individual de um memorial reflexivo como fechamento da disciplina, aí incluída uma questão provocadora sobre os temas das oficinas. Esse memorial resultou em reflexões desses sujeitos que se desvelaram frente as suas próprias compreensões, senão vejamos uma delas:

“Uma reflexão que gostaria aqui de ressaltar sobre a importância da telenovela em que acompanhamos cinco dos personagens principais. Os mesmos me fizeram ver que ainda nos dias atuais muita coisa se repete, mas também que muitos avanços ocorreram em respeito à condutas femininas. A mulher continua sendo vista como um alvo mais frágil, mas percebemos nas cenas, cinco pessoas diferentes que vivenciaram experiências distintas em sua vida e que de alguma forma conseguiram superá-las”. (aluna de Pedagogia 4ª fase)

Essa e outras reflexões que surgiram nesse rico momento de atuação junto à graduação na formação inicial foram de extrema importância para o refinamento e reelaboração do projeto de pesquisa doutoral, contribuindo sobremaneira para avaliação e aperfeiçoamento dos dispositivos pedagógicos construídos com a telenovela

Essa experiência reforçou a decisão sobre a importância da temática da pesquisa: estudar a compreensão de professoras e professores quanto aos conteúdos pedagógicos de Educação Sexual presentes na telenovela Gabriela.

As telenovelas, pelos humanos que a criam e a executam, estão impregnadas da dimensão da sexualidade, pois são produzidas, apresentadas, representadas, por seres humanos sexuados. A dimensão da sexualidade nos é intrínseca, faz parte do ser, e como vivemos numa sociedade fortemente erotizada pelo consumo com a sexualidade tornada mercadoria, a televisão, em suas produções, reflete isso e trabalha com esses elementos.

Os professores como sujeitos históricos, mergulhados nas questões midiáticas, analisam e compreendem a sua maneira estas questões postas pelas mensagens televisivas. O que desejamos desvelar é como se dá essa compreensão.

Percebemos que, em relação ao poder pedagógico da telenovela para um trabalho de educação sexual, poucas discussões são feitas, assim como pouco se discute essas influências em nossa forma de viver nessa sociedade, já que nem todos compreendem que os conteúdos ali expressos não são neutros, pois expressam sempre visões de mundo com paradigmas subjacentes aos programas televisivos.

JUSTIFICATIVA

Refletindo a partir da temática e da problematização posta com as questões pontuadas sobre os conteúdos pedagógicos de educação sexual, num exercício para justificá-los, é indispensável rever nossas “verdades provisórias”, entendendo ciência como vida, e reconhecendo-nos como parte de um processo sócio-histórico-cultural. Entendemos os seres humanos como seres que se educam, na relação com o outro e com o mundo, relações estas sempre sexuadas, num processo dialético, e que constroem conhecimento e cultura, pois conforme nos fala Cabral na Proposta Curricular de Santa Catarina:

Somos seres em construção, inacabados, portanto educáveis. Educáveis no sentido do **vir-a-ser**, do que ainda não é, sentido este que vem ao encontro da concepção materialista histórica, a qual entende o homem como produto de múltiplas relações sociais. Ou seja, um ser em movimento e em incessante transformação. (SANTA CATARINA, 1998, p.17) (grifo nosso)

Como educadores sexuais que todos somos - uma vez que nos educamos em nossas relações e em todas as nossas dimensões -, temos a responsabilidade de sensibilizar os espaços educativos para as possibilidades de uma educação que resulte em propostas sociais e políticas numa perspectiva emancipatória. Para isto há que se trabalhar intencionalmente com uma concepção que compreenda a sexualidade como energia vital da subjetividade e da cultura, pulsão de vida, expressão plena da condição de ser do homem, da mulher, real e histórico, na transformação da natureza para constituir-se na própria existência. Conforme nos aponta Cabral (1998, p.17) que menciona que não é possível entender a educação sexual sem entender que somos animais sociais, históricos e culturais; “não há como entender a educação sexual sem levar em consideração as categorias que sustentam o pensamento marxista: contradição, conflito, processo, totalidade e unidade”.

A autora complementa:

Além dessas, a **categoria vygotskyana de mediação** – a que nos ajuda a entender como se dá o processo de hominização da espécie humana. Quanto à questão da sexualidade, faz-se necessário compreender que não nascemos homens ou mulheres (nascemos fêmeas e machos da espécie humana), mas nos produzimos enquanto homens e mulheres na relação com os outros seres humanos. Somos sujeitos históricos e singulares, que se constroem a partir do inter cruzamento dos níveis: filogenético, ontogenético e sociogenético. (SANTA CATARINA, 1998, p.17) (grifo nosso)

Destacando, conforme delineado por Vygotsky (2008) o termo filogenético, vemos que ele se refere ao desenvolvimento da espécie, no caso do ser humano, desde o ser primitivo até o ser humano atual, sendo que o termo ontogenético refere-se ao desenvolvimento do saber e da experiência desse ser humano desde seu nascimento até a sua morte. Na mesma direção é a compreensão do conceito de sociogenético, refere-se a relação entre a dimensão biológica, a cultura e a história da humanidade. Todos esses conceitos entrelaçados também referem-se necessariamente ao ser humano que é um professor.

Vygotsky como teórico da aprendizagem nos auxilia a compreender que enquanto sujeitos históricos, com dimensões biológicas, sociais, históricas e culturais, aprendemos desde o nosso nascimento a nossa morte, ou seja, estamos em formação contínua durante toda nossa existência. E se aprendemos durante toda vida, estamos em formação permanente, desenvolvendo-nos ontologicamente como humanos na presença de outros humanos. Uma das dimensões que trabalhamos permanentemente é a dimensão da sexualidade que se apresenta “no sentido antropológico amplo, como dimensão ontológica essencial do ser humano” (Nunes, 1996, p. 5). Ainda para esse autor,

(...) A experiência educacional que acumulamos nos autoriza a buscar **diferenciar, conceitual e metodologicamente os termos “sexo”, e “sexualidade”**. No senso comum o termo “sexo” diz respeito, genericamente, à marca biológica e procriativa do seres vivos. **Confunde-se esta dimensão biológica com o conceito de sexualidade**, que, ao nosso ver, é muito mais abrangente e específico, por referendar uma qualidade do sexo biológico e ser somente atribuído aos seres humanos em sua luta e processo histórico. (NUNES, 1996, p. 5-6) (grifo nosso)

O autor esclarece o quanto os sentidos terminológicos de sexo e sexualidade são complexos e requerem cuidado ao serem operados, já que a tendência é entender sexo como marca biológica e que nos caracteriza como machos e fêmeas,

compreensões que, em muitos momentos, foram utilizadas para justificar a dominação de um gênero sobre o outro, reforçando preconceitos sobre o sexo, impedindo os seres humanos de viverem plenamente sua sexualidade, com autonomia e intencionalidade, compreendendo-se sexuados e construídos histórico e socialmente, dentro dos aspectos culturais da sociedade.

Encontramos em Scott (1988) as definições quanto às origens sociais dos papéis designados de ser homem e ser mulher:

(...) o termo 'gênero' torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1988, p.75).

Percebemos hoje na materialidade muitos discursos reforçando o sexismo, naturalizando as “diferenças” (como sinônimo de desigualdade) entre homens e mulheres, a partir do organismo/corpo biológico, pressupondo um determinismo biológico que justifique a desigualdade nas relações de gênero. Uma reflexão sobre esses papéis sociais ainda tão fortes nos dias de hoje, mesmo que no espaço da telenovela Gabriela estejam cristalizados como pertencentes ao século passado, é que a caminhada do projeto buscará incitar. Para Medrado (1997) o conceito de gênero deve ampliar a compreensão das relações entre homens e mulheres dentro de um contexto sócio histórico:

O conceito de gênero surge como uma tentativa de aglutinar interesses comuns e ampliar a compreensão das relações entre os sexos, apoiando-se na ideia de que existem machos e fêmeas na espécie humana, mas, principalmente, que a qualidade de ser homem e ser mulher é definida em termos da relação entre ambos e do contexto sócio histórico mais amplo, em que coexistem outras categorias, tais como raça, idade e classe social. (MEDRADO, 1997, P.25)

Entendemos os papéis sociais de gênero desempenhados por homens e mulheres como construções sócio-históricas, assim, se a categoria gênero é construída social e culturalmente, podemos a partir da problematização de momentos da trama da telenovela Gabriela, sensibilizar os professores para questionar como os papéis de gênero são apresentados e quais categorias do masculino e do feminino ali são representadas. Entendo que há de resgatar o que define conceitualmente Marilena Chauí (1991):

[...] a sexualidade não se confunde com instinto, nem com um objeto (parceiro), nem como um objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica, e tem a **ver com a simbolização do desejo**, não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes possam ser privilegiados na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é suscetível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital. (CHAUÍ, 1991, p.15) (grifo nosso)

A dimensão da sexualidade é, portanto uma qualidade humana, é a significação do sexo, a ser vista e entendida como uma “dimensão ontológica”, podendo ser reconstruída a compreensão que dela temos com apoio sim de um discurso científico e crítico e, ao mesmo tempo, contrário à determinação oriunda das redes de dominação, de manutenção da repressão, seja explícita ou envolta em doces discursos, como é o caso da mídia quando usa a questão do sexo biológico como pano de fundo para naturalizar a estereotipia de papéis sociais de gênero, como parece ocorrer na telenovela Gabriela.

Os programas de televisão, queiramos ou não, ensinam algo sempre porque as pessoas não aprendem exclusivamente nas instituições que formalmente se definem como educativas, pois até mesma a literatura que é aceita e validada nas instâncias educativas, dificilmente consegue competir com as produções televisivas na questão de preferência das pessoas; Por isso urgentemente precisamos buscar a sensibilização sobre uma utilização reflexiva e crítica desses conteúdos, de forma intencional, planejada, que é o que este projeto propõe.

Como mencionam Sartori e Roesler (2007):

Os meios de comunicação são mais do que recursos de ensino, são agentes sociais que abrem espaço para discussões a respeito da produção de sentido em nossa sociedade, ou seja, do modo como sentimos, entendemos e agimos no mundo em que vivemos, ampliando os horizontes da discussão sobre a formação de cidadãos capazes de agir no contexto social vigente. (SARTORI e ROESLER, 2007, p. 101)

Compreendemos que no âmbito da formação de professoras e professores, é importante trabalhar, portanto lembrando dos níveis de reflexão indicados por Perrenoud (2002), pautados nessa necessidade de uma prática reflexiva consciente, pois esta prática é extremamente importante no ofício docente assim como as trocas de experiências entre os educadores é fator primordial para o sucesso das práticas

reflexivas. A prática reflexiva na “(...) formação inicial tem de preparar o futuro professor para refletir sobre sua prática, para criar modelos e para exercer sua capacidade de observação, análise, metacognição e metacomunicação.” (Perrenoud, 2002, p.17)

Já “[...] a formação contínua visava – e sempre visa – atenuar a defasagem entre o que os professores aprenderam durante sua formação inicial e o que foi acrescentado a isso a partir da evolução dos saberes acadêmicos e dos programas, da pesquisa didática e, de forma mais ampla, das ciências da educação.” (Perrenoud, 2002, p.21)

Para complementar o que nos explicita Perrenoud buscamos em Haddad (2007) o que ele chama de marcos conceituais da educação continuada, definidos em características específicas de práticas educativas que reproduzimos a seguir:

Uma educação que nasce das necessidades dos educandos; uma educação que é construída tomando por base o diálogo entre educador e educando; uma educação que é crítica, sob o ponto de vista dos seus conteúdos, o que significa tratar dos temas que são significativos para os educados, buscando explicações sobre eles; uma educação que é reveladora da realidade onde estão inseridos os educandos, de forma a aumentar a sua consciência sobre os problemas que afetam a sua vivência; uma educação que mesmo tomando temas universais e nacionais, dialoga com a cultura regional e local, valorizando suas expressões e seus códigos; uma educação que é voltada à prática, sem desconsiderar os aspectos teóricos que fundamentam os diversos conteúdos. (HADDAD, 2007, p.33)

Assim também compreendemos o quanto é importante trabalhar com as “marcas” do vivido, levando-os a refletir sobre como cada ser se constituiu enquanto sujeito histórico e que, tanto sua história de vida como a de sua formação profissional, são indissociáveis da sua constituição como ser humano pleno.

Novoa (2012) nos fala da impossibilidade de separar as dimensões pessoais e profissionais quando se trata dos professores, pois estão imbricadas naquilo que somos e mais, refletem naquilo que ensinamos:

[...] é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que os professores se devem preparar para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de autoconhecimento. Um dos aspectos mais significativos do paradigma do “professor reflexivo”, tal como se desenvolveu em todo o mundo nos últimos quinze anos, foi a inscrição das histórias ou

narrativas de vida nos programas de desenvolvimento profissional dos professores. Tornou-se mais nítida a compreensão dessa unidade ontológica, o ser-professor, na qual se corporiza a ligação da teoria à prática e se define um determinado devir profissional. (NOVOA, 2012, p.68)

É fato que a programação apresentada pela televisão educa tanto no espaço escolar como em todos os outros espaços sociais, pois o processo de aprendizagem é mais amplo e escapa ao controle dos profissionais da educação. A forma de interferir nesse processo é justamente trazer o material televisivo que fascina para discussão e análise em sala de aula. Assim como nos falam Sartori e Roesler (2007):

Uma prática pedagógica crítica e criativa visualiza as diversas possibilidades viáveis para atingir os objetivos educacionais desejados, definindo claramente os pressupostos pedagógicos que irão norteá-la. Isso quer dizer que educadores devem perceber as relações entre linguagem e conteúdo, tanto no sentido da aquisição e construção do conhecimento quanto do desenvolvimento de valores e atitudes que possibilitem um olhar crítico para as produções da mídia e, ao mesmo tempo, desenvolva a expressão individual e coletiva. Afinal, é por meio das linguagens, visuais, auditivas, multimídias e hipertextuais, que **a mídia viabiliza a expressão criativa e a inserção nos processos de produção e circulação de bens culturais e, também por meio delas, educa. O desafio aos educadores é entender a mídia como produtora de cultura, conhecer as linguagens e reconhecê-las como um elemento constituinte da prática pedagógica.** (SARTORI e ROESLER, 2007, p. 102) *(grifo meu)*

Enfim, existe sempre em todos os ambientes sociais, nas relações sociais estabelecidas entre os seres humanos, educação acontecendo e essa é sempre sexuada, já que sexualidade é dimensão inseparável do existir humano.

A comunicação tornou-se, então, um campo híbrido e poderoso para o controle, manipulação, acumulação e possibilidade de desejos e de valores pautados pelos interesses do mercado. Assim como nos fala Kehl no livro Videologias (2004):

A televisão existe há cinquenta anos, interferindo em escala planetária nas formas como se organizam a comunicação e os vínculos sociais na mais diferentes culturas. Desses cinquenta anos, no mínimo durante os últimos trinta a presença da TV no cotidiano de grande parte da população mundial veio produzindo não apenas

novas formas de sociabilidade como também uma série de efeitos sobre a subjetividade contemporânea. (KEHL, 2004, P. 87)

Percebo o quanto estamos impregnados de informações sobre tudo, mesmo que não percebamos isso em relação inclusive a respeito das mídias; mais ainda, reflito sobre como essas ferramentas midiáticas, especialmente nesse projeto, via telenovelas, podem auxiliar no processo de uma educação emancipatória, se usadas apoiadas em práticas reflexivas críticas, especialmente pelos profissionais de educação.

Mattos (2009) registra que nos anos 70 do século XX, a programação da televisão brasileira passou a ter melhor nível técnico de produção em razão das novas conquistas da tecnologia, como as cores e os efeitos eletrônicos. A fórmula de sucesso das emissoras se baseava no tripé: novelas, programas americanos importados e shows de auditório. Tal fato acentuou sua força de influência social, modificando costumes e opiniões. As telenovelas se transformaram na preferência popular. Essa década foi marcada pela veiculação da violência e sexo em todos os níveis de programas (inclusive na telenovela, que continuou a ser a produção de maior audiência da TV), pela excessiva liberdade de transmissão com total exploração do sensacionalismo e pela comercialização desenfreada, o que transformou o vídeo brasileiro numa vitrine de ofertas para o consumo. A formação de redes via satélite permitiu a enorme penetração do veículo em todo o território brasileiro criando uma espécie de unificação nacional.

Precisamos incitar na educação as discussões e reflexões sobre esse “veículo de imagens”, juntamente com sua programação, e nela, as telenovelas, que, a partir do momento que é veiculado para o grande público, vira um produto cultural, um bem de consumo, utilizado muitas vezes acriticamente. Utilizar os programas a partir de práticas reflexivas, via análises críticas, pode contribuir sobremaneira no desenvolvimento de uma pedagogia crítica de fruição das mídias, aí incluída uma abordagem emancipatória de educação sexual.

Por isso é imprescindível promover análises críticas, a partir de vários ângulos de análise, a partir de outro paradigma de compreensão da televisão e sua programação, diante da real função social do uso da tecnologia, expressa nos meios de comunicação, especialmente a televisão aberta no Brasil que é uma concessão pública.

É evidente que os produtos televisivos estão cada vez mais atrativos e abrangentes, já que em nosso cotidiano frequentemente nos deparamos com suas mensagens nos mais variados tipos de programas que prendem nossa atenção, formando conceitos e opiniões, entretendo e padronizando modelos de comportamento, naturalizando-os acriticamente.

A telenovela ‘Gabriela’ é um dispositivo pedagógico da mídia que, ao lado da escola, da família e de outros espaços tidos como espaços formais de educação,

participou da construção de nossos paradigmas. Como estariam os professores compreendendo essa relação dos conteúdos midiáticos e suas práticas? Sendo esses conteúdos de educação sexual, como se posicionam os professores? Teriam eles formação para perceber e/ou trabalhar pedagogicamente com esses conteúdos? Para esse processo de busca das respostas as questões, foi que decidimos como já explicitado, por essa telenovela como base dos dispositivos pedagógicos que serão produzidos e utilizados como parte de oficinas com professores. Entendo ser esse um rico material, pois é pleno de rupturas e permanências que tornam esta obra ambientada em 1920, publicada em 1958 e tão atual ainda em suas categorias educativas em 2014.

Após essas reflexões entrelaçando categorias que formam o eixo desta pesquisa entendemos ter justificado a importância da pesquisa que buscará, em um diálogo com professores em formação inicial e continuada, investigar suas compreensões quanto aos conteúdos pedagógicos de educação sexual presentes na telenovela - Gabriela (2012).

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Retomando as categorias fundamentais, caminhamos na direção de Ciência e Paradigma. Santos (1999) no “Discurso sobre as ciências”, traz um panorama sobre os paradigmas que suportam e organizam as práticas e compreensões de ciência. Para este autor o paradigma dominante está em crise, possibilitando, contemporaneamente, a configuração do que o autor chamou de paradigma emergente caracterizado como “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”. Paradigmas em crise pressupõem movimento, possibilidades de um permanente vir a ser humano.

Nessa direção buscamos entender então o método dialético como aquele que aponta para possibilidade de movimento em busca da emancipação humana e, por isso, coerente com a importância do tema da sexualidade, Silva (2001) escreve:

(...) o método dialético de investigação, pelo qual fizemos opção, comporta o imperfeito, o inacabado e principalmente considera, da dinâmica das mudanças produzidas pela ação do homem na sociedade, a mutabilidade da realidade, o que torna o próprio método um processo dinâmico de articulação e associação de ideia e conceitos que geram muitas possibilidades de interpretação do objeto a ser pesquisado. (SILVA, 2001, p.35)

Na busca de vivenciar o método dialético com a consciência do inacabamento discutido pela autora, seguimos caminhando fazendo da ciência vida, chegando à categoria da Educação Sexual Emancipatória.

À luz do conceito de emancipação, no sentido de tornar-se livre, libertar-se, vamos ao encontro de Nunes (1996) que discute que a possibilidade de emancipar-se está na reconstrução das categorias históricas da sexualidade por meio da ciência e do ordenamento moral que este encerra e limita, assim como dos valores que envolvem parâmetros para que cada ser humano seja sujeito pleno de seu descobrir-se no mundo, como corpo, como pessoa, como cidadão, como ser humano pleno. Com ele, portanto, assumo que “nossa intencionalidade é atingir o contra discurso, a decodificação das formas de poder e disciplinariedade, para a proposição da exuberância da crítica e propulsão de novas práticas libertadoras e contra ideológicas”. (Nunes, 1996, p.219)

Entrelaçando esses conceitos, percebemos que uma educação sexual pautada num paradigma emancipatório será baseada no processo de reflexão sobre o que nos construiu e construímos como sujeitos sócio históricos no mundo, assim como buscar-se á nos questionamentos sobre as verdades que deixam de ser absolutas para serem provisórias. Estes questionamentos e verdades provisórias passariam, portanto, a ser subsídios para a construção e reconstrução de uma nova abordagem, que esclareça os tabus, os mitos e os preconceitos referentes à sexualidade.

Na mesma direção e problematizando então a questão da sexualidade, caminho com autores como Melo (2002, 2004), Bernardi (1985), Bruns (2004; 2010), Cabral (1995), Chauí (1991), Figueiró (2001; 2007) Foucault (1988), Freire (1977; 1991), Ribeiro (1990) e Silva (2001), compartilham referenciais que expressam a ideia de uma educação sexual compreensiva para a emancipação.

Na categoria formação de professores, tanto inicial como continua, entendida como um processo constante de formação, pautada em práticas reflexivas, caminho como ponto de partida com Novoa (2012), Tardif (2007), Perrenoud (2002), Freire (1974; 1978; 1980; 1982; 1985; 1987; 1992; 1996; 1997; 2001; 2006; 2009), Melo e Pocovi (2002), Santos (2011), Figueiró (2006) trabalhando com a perspectiva de compreender os processos de aprendizagem e ensinagem, com a ideia de formação permanente ao longo da vida, formação de professores sendo também impregnada de educação sexual por ser a sexualidade dimensão humana.

Na categoria telenovelas, como dispositivo pedagógico de mídia e educação caminho com autores como Fischer (2002), Barbero (2004), Lopes (2004), Costa (2013), Carvalho (2009), Orozco (2013), Silva e Cunha (2014), Cunha (1977), OBITEL (2013), Sartori e Roesler (2013) realizando um aprofundamento sobre as questões técnicas e pedagógicas no que se refere à telenovela e os conteúdos pedagógicos de educação sexual.

Para a apropriação do aprendido, reinventando-o e transformando-o é que, inicialmente caminho com esses parceiros teóricos, buscando expressões dessas teorias em atitudes, enunciados e documentos que possibilitem esse constante desafio

de transpor o aprendido. Assim, encontramos como expressão de uma vertente pedagógica de educação sexual contemporânea, e porque não emergente, a declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais, que foi decidida no Congresso Mundial de Sexologia, em Assembleia Geral da WAS⁶. Esse texto, com base nos direitos humanos universais, contribui sobremaneira para ampliar a compreensão daquilo que temos lido sobre como educação sexual emancipatória. O documento oficial traz a seguinte definição:

Sexualidade é parte integral da personalidade de todo ser humano. O desenvolvimento total depende da satisfação de necessidades humanas básicas tais quais desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor. Sexualidade é construída através da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais. O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem estar individual, interpessoal e social. Os direitos sexuais são direitos humanos universais baseados na liberdade inerente, dignidade e igualdade para todos os seres humanos. (WAS - WORLD ASSOCIATION OF SEXOLOGY, 1999)

No texto da declaração, encontro delineado um desejo quanto a mudança nas relações, na compreensão quanto aos seres humanos e suas dimensões, sua intencionalidade e seus desejos. Os direitos sexuais são lentes paradigmáticas valiosas no momento histórico em que vivemos para analisar obras que retratam os costumes e comportamentos ambientados no século passado, na década de 20, como é o caso no projeto da telenovela Gabriela.

Marilena Chauí em seu livro *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida* (1985) também contribui para o início dessa caminhada investigativa ao alertar sobre o fenômeno curioso que é o sexo e o tardio aparecimento do conceito de sexualidade, pois:

(...) os dicionários registram como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica) prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). Esse alargamento fez com que o sexo deixasse de ser encarado apenas

⁶ WAS – WORLD ASSOCIATION OF SEXOLOGY. Declaração dos direitos sexuais como direitos humanos. Hong Kong: WAS, 1999. Acesso em 11 de novembro de 2009.
http://www.worldsexology.org/about_sexualrights_portuguese.asp

como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer ou desprazer (como realização ou pecado), para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros esquecimentos, tristezas, atividades sociais (como o trabalho, a religião, a arte, a política) que, à primeira vista nada tem de sexual. (CHAUÍ 1991, P. 11)

Chauí, em sua definição, realiza uma reflexão provocativa mencionando que “as atividades sociais à primeira vista nada tem de sexual”, pois foi essa “verdade” que se fabricou por muito tempo, negando a dimensão da sexualidade inseparável do existir humano. Há, portanto que se resgatar que tudo aquilo que é produzido por humanos traz a dimensão da sexualidade, mesmo que, à primeira vista nada tenha de sexual, como é o caso do meio de comunicação televisão, e nele, a telenovela.

Sendo a televisão um veículo que revolucionou as comunicações, capaz de despertar sentimentos e estimular afetos, raiva, tristeza e alegria, através de imagens, narrativas e sons elaborados com esse próprio intuito, as mensagens enviadas por seus programas são rápidas e de fácil compreensão, conquistam o telespectador com uma linguagem simples que traduz com dinamismo, atingindo o subjetivo, apresentando modos de conduta e difundindo ideologias. Para Bucci (1997), ela representa um sistema complexo:

(...) a televisão é muito mais do que um aglomeramento de produtos descartáveis destinados ao entretenimento de massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público de tal forma, que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação e quase impossível o entendimento nacional. [...] O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele. (BUCCI, 1997, p. 9-11)

A televisão, com seus programas, feitos por seres humanos, que tudo falam e tudo mostram, responde as perguntas que, às vezes, nem chegaram a serem feitas, ocupa tempo e espaço cada vez mais importantes em nossas vidas, pois a televisão, com sua narrativa ininterrupta acaba por preencher e substituir o espaço do diálogo entre as pessoas.

Nunes faz uma comparação da televisão com a figura mitológica grega da Medusa, que provocava em quem a olhasse nos olhos a petrificação instantânea, o que expressa metaforicamente o poder deste meio de comunicação, assim como de suas produções:

A televisão é capaz, nesta sociedade, de funcionar como loja de desejos e alienação do sentimento e da razão, de apresentar ali as delícias do consumismo e o frenesi da mercadotria e, ao mesmo tempo, produzir entretenimento para a massa de sofridos e frustrados no seu projeto existencial político, econômico, social. (NUNES, 1996, p. 202).

A televisão, portanto, com seus programas, enquanto um poderoso dispositivo de mídia funciona como não só uma loja de desejos, entretenimento, mas também como uma grande instituição normativa, que reforça teses conservadoras presentes no imaginário social e cultural, pois comunicadores são humanos, sempre sexuados e também frutos de uma constante “deseducação sexual” em nossa sociedade, reproduzindo muitas vezes um mesmo padrão, institucionalizando ditas verdades que vão perpetuando-se a partir dos enunciados inculcados pelas expressões das instituições normativas, assim como é a mídia em suas produções televisivas.

Nesse âmbito, os meios de comunicação e através deles a teledramaturgia, assim como as demais produções televisivas, agem como grandes veículos transmissores de padrões que alimentam estereótipos e perpetuam discursos e práticas reducionistas, caracterizadas fortemente como uma aparente “liberação sexual” devido às falas liberadas, mas contraditoriamente repressoras, que aparecem nesse veículo de informação, sempre de modo educativo, mesmo quando não percebido. Compartilhamos do que menciona Costa (2013):

Nosso objetivo é mostrar que a televisão tem especial importância na cultura brasileira e que uma escola que pretenda trabalhar com a cultura do estudante, no Brasil, terá que assumir essa responsabilidade de levar em consideração nossa produção televisiva para apontar seus defeitos, para ensinar o público a ser mais exigente ou para trabalhar com o veículo que hoje é nossa praça pública, espaço por onde encaramos o mundo. (COSTA, 2013, P. 135)

A televisão e dentre seus programas a telenovela, tem um alcance nacional que segundo menciona Costa, funcionaria como nossa identidade cultural, estabelecendo a forma pela qual dialogamos com o mundo. Assim como menciona mais uma vez Costa (2013):

Num país com forte cultura oral e poucos recursos financeiros, a televisão se popularizou e rapidamente alcançou a posição de maior entretenimento nacional, fonte de identidade e integração cultural. Para completar esse quadro, a transmissão em rede nacional tornou o veículo um sucesso também comercial. É possível ainda levar em consideração que até mesmo a literatura brasileira, tão jovem ainda em meados do século XX, havia se desenvolvido numa época em que os meios de comunicação já se faziam notar em nossa cultura. Assim, há uma forte influência do audiovisual em nossa literatura, influencia essa quase imperceptível na literatura de outros países amadurecida em épocas em que o cinema e o rádio sequer existiam. Não é à toa (...) que os livros de Jorge Amado foram tão rapidamente absorvidos e adaptados para a televisão. Essa simbiose se dá por uma certa afinidade entre nossa literatura e veículos e linguagens audiovisuais. (COSTA, 2013, P. 135)

Por estas e outras questões decidimos trabalhar com a categoria telenovela e nela, a Gabriela (2012) inspirada na obra literária de Jorge Amado, pois nelas conseguimos reconhecer e refletir sobre os estereótipos que podem ser reforçados, problematizados, desconstruídos, tendo nas produções televisivas a possibilidade de problematizar em processos educativos e as “verdades” que o público assimila como universalmente validas, justamente por serem ideias já legitimadas.

Relembrando o enredo dessa produção televisiva, nela temos uma crônica sobre mudança de costumes, marcada por tipos populares, poderosos coronéis e problematizações quanto à emancipação do feminino dentro de um universo machista, patriarcal e violento. Poderíamos afirmar que é uma produção audiovisual brasileira muito bem feita que está plena de problematizações quanto a educação sexual das pessoas ao longo dos tempos, pois a telenovela produz sentidos em quem as assiste, assim como registra Costa (2013):

As telenovelas têm sido espaços privilegiados para o tratamento das questões sociais relevantes, promovendo grande mobilização de sua audiência. A busca por crianças desaparecidas, a clonagem e o combate ao uso de drogas, tem desencadeado campanhas, informando, e sensibilizando a população. Não devemos desmerecer essa educação informal que a TV promove e deixa-la ao largo de outros processos educativos nos quais estamos envolvidos. (Costa, 2013, p. 157)

Nesta direção Carvalho (2009), que trabalhou em sua dissertação de mestrado com diálogos entre adolescentes e telenovelas da Rede Globo realizando interfaces na construção da compreensão quanto a educação sexual, menciona também que os roteiros das telenovelas:

Ao retratar fatos do dia-a-dia, ao trabalhar com personagens inspirados na vida real, a telenovela não só reproduz hábitos, costumes, normas e valores humanos, como também os dita. Veiculadas pela televisão, as informações são acessíveis a todos, sem distinção de pertencimento social, classe ou região. Assuntos que antes eram socializados por determinadas instituições tradicionais como a Família, a Escola e a Igreja, agora estão disponíveis nas telenovelas. Seus autores buscam inspiração nos clássicos da literatura, assim como nos acontecimentos e costumes cotidianos, tudo por meio de uma linguagem e estrutura narrativa simples, de fácil decodificação, e pelos belos jogos de imagens possibilitados pelos recursos técnicos. (CARVALHO, 2009, p.63)

Os processos pedagógicos de aprender e ensinar podem aproveitar essa relação cultural com a produção televisiva e incorporá-las em suas práticas, num uso crítico-reflexivo intencional, planejado minuciosamente.

A professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2004), coordenadora do Centro de Estudos de Telenovela da Universidade de São Paulo (USP), alerta-nos:

O que tem tornado a telenovela um enclave estratégico para produção audiovisual brasileira é seu peso no mercado televisivo e o papel que ela joga na produção e reprodução das imagens que os brasileiros fazem de si mesmos e através das quais se reconhecem. Só esse fato seria suficiente para tornar indispensável a reflexão sobre os diferentes sentidos da telenovela no plano nacional, não fosse também sua importância regional e transnacional (LOPES, 2004, p. 17).

Uma possibilidade que se desvela nesse projeto de investigação é, portanto a possibilidade de um trabalho de sensibilização quanto a certas temáticas emergentes e a problematização a partir da teledramaturgia, tendo o vídeo como fio condutor para discutir a compreensão dos professores sobre a educação sexual ali existente.

Para buscar essa possibilidade apresentamos a seguir os caminhos metodológicos escolhidos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que lhe é perguntada, só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste em cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica. Sendo certo que cada método só esclarece o que lhe convém e quando esclarece fá-lo sem surpresa maior, a inovação científica consiste em inventar contextos persuasivos que conduzam à aplicação dos métodos fora de seu habitat natural. (SANTOS, 1999, p. 48-49)

Partindo com nossos cúmplices teóricos iniciais em Boaventura Sousa Santos (1999) retomamos a categoria “paradigma de ciência”, este paradigma vem expresso na complexidade e na inter-relação, pois entendemos, com o autor, que o conhecimento se dá no embate da materialidade, na luta pela sobrevivência, na sabedoria da natureza, na ciência que é vida. E se faz a partir da existência, assim como da necessidade de criar um diálogo entre o que é produzido pela ciência e o senso comum, democratizando o acesso ao conhecimento científico.

Isto tudo se expressa em uma visão de mundo, materializando-se em um paradigma emergente que surge, a partir da crise do paradigma dominante, que é o resultado interativo de uma série de condições tanto sociais quanto teóricas, que nos levam a questionar os pilares do paradigma em crise devido aos conhecimentos que este próprio paradigma construiu. Para entendermos o conceito e a importância de definirmos a priori de onde partimos, buscamos em Azibeiro (2001) em seu diálogo com Morin a seguinte reflexão:

Chamamos paradigmas às estruturas de pensamento que, de modo quase que inconsciente, comandam nosso modo de ser, de olhar, de viver, de fazer, de falar sobre as coisas e sobre nós mesmos. São os nossos sistemas mentais, que filtram toda a informação que recebemos: ignoramos, censuramos, rejeitamos, desintegramos o que não queremos saber. Não os entendemos como modelos, rígidos e acabados, mas como horizontes, que se ampliam e se modificam a cada passo dado, ou teias de significados, sempre se re-tecendo e rearticulando (AZIBEIRO, 2001, p.2)

Esse conceito de paradigma é fundamental para reflexão sobre paradigmas de ciência, e assim como menciona Melo em seus processos docentes, “paradigmas são como se fossem óculos com os quais enxergamos o mundo, funcionam como *“lentes paradigmáticas”*. Essas estruturas de pensamento são, por sua vez, definidas pelo paradigma dominante, o qual delimita, filtra e formata todas as informações que são recebidas e significadas pelos sujeitos. É importante registrar que, quando pensamos em televisão e seus programas, uma discussão que emerge é do quanto às

informações transmitidas por essas mídias são formadoras de opinião, de estereótipos, de mitos e tabus. Analisar criticamente aos conteúdos culturais pode nos levar a novos entendimentos e novos paradigmas, na perspectiva de pensar como a sociedade da informação tem contribuído significativamente para a mudança das práticas sociais, seja através educação, comunicação e mesmo das ferramentas tecnológicas incorporadas no uso cotidiano, como expressa Borges (2008):

...ao mesmo tempo em que os instrumentos tecnológicos passam a ser incorporados as práticas sociais, esses usos **modificam o próprio sujeito**, pois os usuários das tecnologias digitais no seu uso, ressignificam, adaptam os **esquemas mentais de uso** de um instrumento a outro e desenvolvem novos esquemas mentais. (BORGES, 2008, P.54) (GRIFO MEU).

Nesse enfoque defimos como paradigma de suporte da caminhada o materialismo-dialético:

O materialismo dialético apoia-se na ciência para configurar sua concepção de mundo. Resumidamente, podemos dizer que o materialismo dialético reconhece como essência do mundo a matéria que, de acordo com as leis do movimento, se transforma, que a matéria é anterior a consciência e que a realidade objetiva e suas leis são cognoscíveis. (TRIVIÑOS, 1987, p. 23).

O materialismo dialético segue uma linha comprometida com um projeto de transformação da realidade social, pois sua intervenção oferece toda uma preocupação com a análise dialética da realidade. Além disso, procura buscar explicações coerentes, lógicas e racionais, sem deixar de ressaltar a prática social como critério de verdade. Nenhuma análise é definitiva, havendo sempre a possibilidade de acontecerem possíveis transformações, pois a prática social é dinâmica, dialética.

O método dialético, base desse paradigma, permite-nos compreender a sexualidade na sua dimensão histórico-social e, portanto, condicionada pelos fatores determinantes da realidade econômico-política de cada época. Assim, pautar-se no método dialético para investigar processo de educação sexual ajuda a romper com determinados paradigmas que buscam explicar a sexualidade somente pelo viés biológico-natural-reprodutor, ao explicá-la como dimensão inseparável do existir humano, produto e produtor de conhecimento em suas relações sociais.

Nossa investigação é pautada, portanto no materialismo histórico-dialético que caracteriza-se por entender a sexualidade como decorrência da construção social da *práxis* humana. Nessa direção, nesse trabalho, produções televisivas são produções humanas e, portanto também instrumentos pedagógicos de educação sexual.

Nenhuma análise é definitiva, havendo sempre a possibilidade de acontecerem possíveis transformações, pois a prática social é dinâmica, mutável e, portanto dialética.

Caminhos já percorridos:

Com uma etapa já realizada desde a preparação do material oriundo da telenovela para subsidiar as oficinas até a realização das mesmas na disciplina Educação, gênero e sexualidade, na quarta fase do curso de graduação em Pedagogia, o que significou o início da etapa de coleta, apresentaremos sinteticamente os caminhos percorridos.

Conforme já relatado foi inserido no plano de ensino e no plano do estágio docência a realização das oficinas com os momentos da telenovela Gabriela. Essas oficinas foram estruturadas remontando a trama de determinados personagens que foram definidos a priori pelas pesquisadoras. Procuramos trabalhar com a trama de personagens que contemplassem os conteúdos pedagógicos de educação sexual que são o enfoque da pesquisa, ligados a questão de papéis sociais estereotipados de ser homem e mulher.

Inicialmente trabalhamos com links do site da emissora, depois realizamos a captura dessas partes disponíveis gratuitamente na página da telenovela, pois mesmo abrindo os links antes de iniciar a oficina, as vezes os mesmos travavam, carregando propagandas; nisso o tempo programado oscilava. A partir da segunda oficina, com o auxílio de um programa que captura a tela selecionada chamado 'Debut', foram recortadas as cenas que estavam selecionadas como muito expressivas em relação à conteúdos pedagógicos de educação sexual, e editadas na sequência cronológica da trama do personagem selecionado, utilizando um editor de vídeos - o programa "Movie Maker" resultando em cinco vídeos com momentos da telenovela num tempo máximo de 30 minutos cada um. Nos dias programados pelo cronograma da disciplina realizamos as oficinas que consistiam na assistência pela turma do vídeo produzido para aquele dia, seguido de um debate dialógico, que foi audiogravado com autorização prévia dos discentes. Após as 5 oficinas, foi aplicado um questionário de avaliação sobre o vídeo utilizado. a partir de um instrumento, onde o intuito foi avaliar o que acharam da duração, dos conteúdos, dos personagens e quais compreensões esses materiais puderam desencadear. Avaliamos que este instrumento funcionou como propõe Perrenoud (2002) com a "reflexão no calor da ação", pois recolhemos descrições do que tinham visto, sem expressarem naquele instrumento o que fizeram no diálogo estabelecido nas oficinas, onde surgiram suas compreensões perpassadas de significações a luz de seus processos de vida, dados esses agora em análise.

Ao final do semestre, conforme previsto no plano de ensino, cada membro da turma deveria escrever um memorial refletindo sobre as contribuições da disciplina sobre suas vida pessoal e profissional, inserido no roteiro do mesmo a questão das oficinas sobre a telenovela Gabriela. Na análise de conteúdo em andamento pelas pesquisadoras sobre as compreensões de cada discente, a partir das oficinas com momentos da telenovela tem sobre os conteúdos pedagógicos de educação sexual tem apontado para um rico painel de entendimentos sobre a questão da estereotipia de papéis de gênero e seus reflexos em suas vidas.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Elizane de. **Jogo do Strip Quizz**: análise dos conteúdos pedagógicos de educação sexual em um quadro do programa televisivo amor & sexo. 2011 165 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

ANDRADE, E. MELO. S.M.M. de. **Sexualidade e Educação Sexual**: políticas educativas, investigações e práticas. 1º edição. E-book. 2010. Disponível em <http://sexualidadevida.com.br/e-book_sexualidade_educacao_sexual.pdf> acesso em 01/05/2013.

AZIBEIRO, N.E. **Movimentos Sociais, paradigmas da complexidade e interculturalidade**: algumas considerações para sala de aula. In: **Cadernos do NEPP**. n 1 maio de 2001, Florianópolis: NEPP, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2005.

BORGES, Martha. K. **Educação e Cibercultura**: perspectivas para a emergência de novos paradigmas educacionais. In: Antonio Pantoja Vallejo; Marlene Zwierewicz. (Org.). Sociedade da Informação, Educação Digital e Inclusão. 1a ed. Florianópolis: Insular, 2007, v. 1, p. 53-86.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo, Boitempo, 1997.

BUCCI, Eugênio (org.). **TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000. Acessado dia 17/12/2010 em <http://pt.scribd.com/doc/6811271/Eugenio-Bucci-A-TV-AOS-50>

BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A Pessoa Cega**: Erotismo e a Mídia. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol. 20, n.1, p 173 a 177, ano 2009. Disponível em: < <http://www.bengalalegal.com/erotismo.php>.> acesso em 01/05/2013.

CARVALHO, Gabriela Maria Dutra de. "**Tá ligado!?**": diálogo entre adolescentes e telenovelas da Rede Globo. Interfaces na construção da compreensão da sexualidade. 2009. 174 p.: Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2009.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídia** In: CHIAPPINI, Ligia; **CITELLI, Adilson**. Aprender e ensinar com textos: aprender e ensinar com textos não escolares. Volume 12. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

CUNHA, Isabel Ferin. **Memórias da Telenovela programas e recepção**. Lisboa: Livros Horizonte. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: esta nossa desconhecida**. 11. Ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O **dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa. [online]. 2002, vol. 25, no.1, p. 151-162. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011> Acesso em 06/05/2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

GABRIELA Cravo e Canela. **Pedagogia & Comunicação**. 21/08/2012. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gabriela-cravo-e-canela-sintese-da-obra.htm>> Acesso em 01/05/2014.

CARRASCO Walcyr, Mauro Mendonça Filho, Frederico Mayrinc e Noa Bressane. **Gabriela**. Telenovela. Produção Rede Globo de Televisão. 2012. Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/gabriela/index.html>

HADDAD, Sérgio. **A Educação Continuada e as políticas públicas no Brasil**. IN : REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007

KEHL, Maria Rita: Televisão e violência do imaginário *In*: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

LOPES, M. I. (org.) Introdução. **Telenovela internacionalização e interculturalidade**. Coleção Comunicação Contemporânea. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira** – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 4. Ed., 2009.

MEDRADO, D.B. **O masculino na mídia. Repertório sobre masculinidade na propaganda televisiva**. Tese de Doutorado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

NOVOA, A.(2007). **O regresso dos Professores**. Lisboa: Repositório da Universidade de Lisboa. Disponível em: <repositorio.ul.pt/bitstream/10451/687/1/21238_rp_antonio_novoa.pdf > Acesso em: junho de 2014.

NUNES, César. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Ed. Papiros, 2003. 5ed.

_____. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre pressupostos éticos, sociais e histórico culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual. Tese (Doutorado) -Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: UNICAMP, 1996.

_____, e SILVA, E. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas: Ed. Século XXI – 1997

OROFINO, M.I.R. **A mediação escolar na recepção televisiva**. Perspectiva (Florianópolis), Florianópolis/SC, 1995.

RIBEIRO, Marcos (org): **Educação Sexual: Novas Idéias e Novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares**. – Florianópolis: Cogen, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência**. Porto: Afrontamento, 1999.

SARTORI, A. S.; ROESLER, Jucimara. **Mídia e Educação: Linguagens, Cultura e Prática Pedagógica...**In: Patrícia Lupion Torres. (Org.). Algumas vias para entretecer o pensar e o agir. Curitiba: SENAR, 2007, v. 1, p.99-119. Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/beta/imagens/materialProfessor/livro_do_professor2.pdf> Acesso em 03/05/2013.

SILVA, Edna Aparecida. **Filosofia, educação e educação sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana**. Tese (Doutorado) -Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: UNICAMP, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, nº 16 (2), p.5-12, jul/dez, 1990.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VYGOTSKII, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAS – WORLD ASSOCIATION OF SEXOLOGY. Declaração dos direito sexuais como direitos humanos. Hong Kong: WAS, 1999. Disponível em:<<http://www.worldsexology.org/content/sexual-rights-0>> Acesso em 04/05/2013.